

Figura importante não só da vida cultural da capital Imperial como também para compreender “Como se escrevia a história no Brasil do século XIX” – título do projeto de pesquisa do professor Temístocles Cezar - Manuel de Araújo Porto-Alegre, o Barão de Santo Ângelo, foi orador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro por mais de uma década, entre 1844 e 1857. Durante o período citado foi responsável por escrever discursos que homenageavam sócios ilustres falecidos, os quais passaram a integrar o “reino dos mortos”. Existem outros dois textos do autor presentes no periódico que podem ser considerados como uma nascente história da arte que se afirmava como brasileira e nacional: “Memória sobre a antiga escola de pintura fluminense” e “Iconographia Brasileira”. Este conjunto de escritos, todos pertencentes à Revista do IHGB, constituem o *corpus* documental da pesquisa a ser apresentada.

Os textos citados foram escolhidos por possuírem uma lógica em comum, além de características narrativas semelhantes. Foram todos publicados num periódico específico (RIHGB), vinculados a um lugar institucional que lhes deu suporte e influenciou aquilo que poderia ou não ser enunciado. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro possuiu importância política, intelectual e cultural no *oitocentos*, fomentando uma historiografia nascente e visando consolidar uma narrativa pautada pela idéia de Nação, criando um discurso de unidade necessário no contexto político e social pós-independência.

Partindo de um lugar social e um lugar institucional (o IHGB), Porto Alegre realizou uma operação historiográfica, a qual não é ditada majoritariamente por um paradigma científico, mas sim por uma grande questão filosófica. Há uma importância crucial de uma concepção que confere sentido e significado ao tempo e à “marcha humana” da civilização. Há uma Filosofia da História que permeia os escritos de Manuel de Araújo, organiza os argumentos e explicita não só uma concepção de História (aqui referida como processo) como também um projeto político, social e cultural para a Nação brasileira que passaria pela construção de um Panteão nacional. A tônica biográfica, inspirada pelas “vidas de artistas” escritas por Vasari, é sustentada por um dever moral de perpetuar a memória dos mortos dignos de serem recordados, produção de conhecimento histórico que visa criar “Monumentos de papel” que eternizem uma rememoração àqueles que se dedicaram à nação.